



Prof. Carlos Teixeira

O Homem, que como espécie biológica se diferenciou dos seus predecessores hominídeos durante o Cenozóico recente, nasceu como uma parte integrante da sua Mãe Terra. E como tal, sempre a ela recorreu para, no referente aos aspectos físicos, ultrapassar as suas necessidades básicas.

Na fase inicial da grande aventura da vida do Ser Humano, aquelas necessidades eram quantitativamente reduzidas; os utensílios eram retirados directamente da rocha, as cavernas constituíam abrigos, e a alimentação, tal como agora, resultava directa ou indirectamente da interacção da energia solar com sais minerais dissolvidos no solo.

A descoberta do fogo e, mais tarde, da extracção de metais a partir dos minérios que a Terra oferece, tiveram importância qualitativa notável na aventura humana - já que passou a ser possível a alteração de composição de materiais deste planeta, através de reacções químicas provocadas e condicionadas pelo Homem.

E tão profundamente a estrutura dos materiais que constituem a Terra está impressa neste Ser privilegiado da Natureza, que as manifestações artísticas deste

reproduzem o íntimo dos corpos minerais que o rodeiam. Na Arte, tal como nos cristais, há sempre um tema ou motivo e um período ou ritmo. Não é por acaso que cristalógrafos notáveis como Goldschmidt foram também musicólogos conceituados.

O Homem tem tido sempre a Terra como suporte para as suas actividades. E para a conhecer foi desenvolvendo capacidades, promovendo uma investigação fértil que lhe permitiu progressiva diferenciação quanto às condições de vida relativamente aos outros habitantes do planeta.

E a Terra tem parecido imensa. Por isso, a investigação científica tem sido essencialmente extensiva. A grande criatividade humana, através da investigação científica, conduz normalmente a prazo mais ou menos dilatado, a soluções que, por interacção com a Terra, possuem aplicabilidade. E embora pareça que o desenvolvimento nos afasta progressivamente das origens, acontece na verdade, que dependemos cada vez mais da Terra Mãe.

E nesta relação constante chegamos aos tempos actuais. Tal como nos primórdios, o Homem depende da Terra. Mas entretanto as populações cresceram e as necessidades sofisticaram-se e diversificaram-se ao ponto de, súbitamente, gritarmos: a Terra é pequena!

E este é necessariamente um momento histórico de viragem. As sociedades ditas mais desenvolvidas podem ver ruir a estrutura industrial em que a economia delas se apoia, se não se souberem adaptar atempadamente às condições de penúria de matérias primas. A verificar-se tal, cumprir-se-á também, para as sociedades humanas, a conhecida lei paleontológica do gigantismo. Tal risco exige a definição de objectivos estratégicos para a investigação científica, isto é, ela terá de ultrapassar a fase essencialmente extensiva, para se situar numa perspectiva mais intensiva. E os povos que mais rapidamente compreenderem e se inserirem neste espírito de mudança, serão aqueles que sairão desta curva da História em situação privilegiada no contexto das Nações.

Se a causa da actual crise económica mundial reside fundamentalmente na exiguidade de recursos materiais, então e progressivamente aqueles que mais intimamente estabelecem a relação Terra/Homem serão chamados a exercer acção fundamental e indispensável para o futuro dos Povos. Para que se verifique progresso económico é pois necessário dignificar cada vez mais a profissão de GEÓLOGO.

Quem conhece a História da Geologia em Portugal sabe das dificuldades que temos atravessado para que aos geólogos seja reconhecida a natural importância no contexto científico, económico e social. Pelejou duramente o Professor Carlos Teixeira para que a sociedade portuguesa pudesse usufruir o mais possível da acção destes profissionais que nós somos. Vedores e outros aventureiros in-

qualificados, que na sua ignorância se têm atrevido a pôr em causa o rigor científico e a honorabilidade das Geociências, foram duramente zurzidos pela verve inconfundível do Professor Carlos Teixeira. Numa afirmação pela positiva o contributo mais importante para a dignificação do geólogo foi, fundamentalmente, porque reflectido nos mais novos, o exemplo de uma vida dedicada à Geologia.

Carlos Teixeira nasceu em Aboim (Fafe), em 23 de Setembro de 1910. Licenciou-se em 1933, em Ciências Histórico-Naturais pela Faculdade de Ciências da Universidade de Porto, tendo-se doutorado nesta mesma Universidade no ano de 1944. Em 1948 prestou provas de agregação na Universidade de Lisboa e em 1950 foi nomeado, após concurso de provas públicas, professor catedrático da Faculdade de Ciências desta Universidade. Entretanto foi desenvolvendo assinalável actividade científica.

No conjunto dos seus trabalhos versou temas que vão da Botânica à Paleontologia e Geologia Regional; que vão do Minho a Timor. Foi, com outros geólogos, fundador, em 1940, da Sociedade Geológica de Portugal.

Pode dizer-se, pois, que como pessoa bem inserida na sua época, exerceu actividade extensiva e fundamental - sobretudo num País com carências de cartografia geológica e então com vastos territórios ultramarinos com zonas praticamente desconhecidas. Assim, colmatou um certo vazio que após os trabalhos de grande envergadura do final do século XIX e princípios do século XX - levados a cabo, entre outros, por Carlos Ribeiro, Néry Delgado e Paul Choffat - se havia instalado no panorama da pesquisa geológica nacional.

Não se limitou porém o Prof. Carlos Teixeira a uma acção centrada nas necessidades da sua época. Na verdade tratou-se de um Homem que teve nas suas preocupações o perspectivar do futuro. Foi um dos professores universitários portugueses que mais incentivou a cooperação internacional, dos que se preocuparam seriamente com a formação dos seus assistentes, para o que recorreu aos mais desenvolvidos centros de investigação nacionais e estrangeiros. Se nos encontramos numa curva da História em que, em termos de investigação científica, há que evoluir do extensivo para o intensivo, Carlos Teixeira, que não viverá esta transformação, soube porém prepará-la através da formação os seus discípulos e colaboradores numa perspectiva que lhes permite a adaptação à mudança.

Nem sempre foram fáceis as relações do Prof. Carlos Teixeira com os seus colaboradores e amigos. Realmente, não era de natureza fácil o Doutor Carlos Teixeira. Como é evidente, as múltiplas facetas da sua personalidade forte e arrebatada teriam necessariamente de gerar polémica. Qualquer que tenha sido a índole desta, há hoje, com espírito científico e por isso isento, que saber enquadrar a sua acção na História da Geologia. Creio que na actividade deste Professor

constitui um marco fundamental a profissão de geólogo, executou trabalho científico de alta qualidade a nível internacional dentro dos parâmetros da sua época e, directa ou indirectamente, rasgou fronteiras para os mais novos e por isso também para a sua Pátria.

Como geólogo e como português deixo expresso o meu muito sincero reconhecimento e a minha homenagem ao Mestre e Amigo que foi o Prof. Carlos Teixeira.

BRITALDO RODRIGUES

En el año de 1976, tuvo lugar, en esta misma Universidad, y con ocasión de la VII Reunión del Grupo de Geólogos del Macizo Hespérico, un Homenaje dedicado a mi persona. En el, el Profesor Carlos Teixeira, imposibilitado físicamente de hacerlo en persona, me dedicó, por boca del Profesor Portugal Ferreira, unas palabras que honraron más a su persona que a la mía, pues pusieron de relieve el valor que para él tenían, la amistad y la admiración por un amigo, que eso ha sido lo que fuimos siempre el Profesor Carlos Teixeira y yo.

Curiosamente, 7 años después las circunstancias se repiten, si bien esta vez es algo más profundo que una dolencia física lo que nos separa al Profesor Teixeira y a mi.

Cuando yo lo conocí, o mejor dicho, cuando él me conoció, con ocasión de la Semana Gallega de Porto, en 1934, organizada por el viejo Seminario de Estudos Galegos con el fin de estrechar los lazos entre Galicia y Portugal, Teixeira era aún un estudiante de geología. Yo había presentado allí un trabajo «Ensayo de clasificación cronológica de los granitos gallegos», en el que se sentaban las bases de lo que luego iba a ser el conocimiento minucioso actual de esta parte de la geología del Hesperico Peninsular. A partir de entonces, y merced a la lectura por su parte de aquel trabajo, se entabló entre el Profesor Teixeira y yo una firme amistad, primero entre colegas, y luego al cabo de los años entre viejos camaradas.

Juntos recorrimos Galicia y Tras os Montes, en un intento ideal, miñota el y yo gallego, al fin y al cabo, de lograr con el conocimiento geológico, borrar los límites entre esas dos partes de nuestros respectivos países. Y es quizás por ello por lo que juntos encontramos la prolongación del Complejo Xisto-Grauváquico portugués en el sur de Galicia, como también recorrimos juntos esa Vía Láctica del Macizo Hespérico que es la unidad del Olló de Sapo.

Durante muchos años nunca me faltó en Laxe su compañía en el fin de cada año, como si intentara el impedir que algo, ni siquiera un cambio de fecha en el

calendario me sorprendiera sin el testimonio físico de su fiel amistad, firme a través de los años y de las dificultades.

No quiero resaltar aquí el valor de sus aportaciones al conocimiento de la geología portuguesa y del hercínico, cuyo valor nadie puede desconocer ni negar. En el archivo del Laboratorio queda para la posteridad el recuerdo imborrable de la copiosa correspondencia que durante largos años mantuvimos, intercambiando ideas sobre la geología de la fachada atlántica de la Península Ibérica, así como un ejemplar de todos los trabajos por él publicados que siempre llegaron a Laxe con el calor de la imprenta.

Gracias a la ayuda del Profesor Teixeira el primer mapa geológico de síntesis del Macizo Hespérico se hizo realidad en los talleres de los Servicios Geológicos de Portugal.

No ha transcurrido aún un mes desde la presentación en el Laboratorio Geológico de Laxe del nuevo mapa del macizo Hespérico en el que por fin se cumple la vieja idea del Profesor Teixeira de ver unidas en un trazo común las geologías gallegas y miñota, labor que se ha conseguido sin lugar a dudas en la parte portuguesa gracias tanto a su labor directa como a la promovida por él. Siento que esta vez me faltara su presencia.

La noticia de su muerte me causó una profunda emoción. Es con verdadero sentimiento como redacto estas cuartillas homenaje póstumo a mi gran amigo, cuyo recuerdo no se borrará nunca de mi memoria.

ISIDRO PARGA PONDAL